

A Literatura como via de resignificação do passado: diálogos entre o Pensamento Decolonial e os projetos estéticos/teóricos decoloniais

Quando pensamos na proposta deste dossiê, tivemos em mente e como dimensão as vivências históricas de nosso território oriundo de um processo desumanizador de colonização, no qual prevaleceu o modo europeu de conceber o mundo e de nele se relacionar com o outro. A superioridade do homem branco europeu sobre seus demais semelhantes, arquitetada, defendida e difundida pela retórica da modernidade/civilidade que as ações colonizadoras supostamente introduziam nos territórios subjugados, eliminou qualquer aspecto de alteridade, empatia e respeito em relação ao Outro. Assim.

[...] a elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado. Essa perspectiva e modo concreto de produzir conhecimento se reconhecem como eurocentrismo. Eurocentrismo é, aqui, o nome de uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática começou na Europa Ocidental antes de mediados do século XVII, ainda que algumas de suas raízes são sem dúvida mais velhas, ou mesmo antigas, e que nos séculos seguintes se tornou mundialmente hegemônica percorrendo o mesmo fluxo do domínio da Europa burguesa. Sua constituição ocorreu associada à específica secularização burguesa do pensamento europeu e à experiência e às necessidades do padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado, estabelecido a partir da América (Quijano, 2005, p. 126).

A partir do processo de expropriação do denominado “Novo Mundo”, a partir do final do século XV e início do XVI, pelas nações colonizadoras da Europa, deu-se passo para a invenção de dois universos antagônicos: o europeu/colonizador e o ameríndio/colonizado. Na mesma esteira dessa empreitada transmarítima, outras regiões e povos também foram subjugados, como os dos continentes africano e asiático, tornando-se, por conseguinte, centros de disputas para a espoliação de riquezas.

A carga desse percurso herdado foi funesta e legou severas fraturas para as populações desses lócus espaciais, sendo sentida de forma intensa ao longo de toda a sua constituição política, sua construção da história nacional e sua conformação cultural que, devido ao intenso processo de miscigenação, gerou comunidades transculturais nas quais muitas das manifestações ancestrais foram secularmente menosprezadas pelo poder colonialista sempre renascentes. Nesses cenários colonizados, a força da destruição foi dramática com a dizimação

da população autóctone e com a tentativa de extirpação dos seus modos de vida, por exemplo. No tocante à população da América Latina, durante séculos, verifica-se que foi alijada de seu habitat, assim como a sua história foi apagada para que houvesse uma valoração exclusivamente da identidade cultural avalizada pela perspectiva eurocêntrica. Assim, por meio de diferentes mecanismos de controle, foram impostas formas de pensamento e de ação em face de um rígido processo de colonização, tendo somente destaque os valores das metrópoles dominantes ao longo desse processo histórico.

No transcurso da história e com o esvanecimento do poderio dos grandes impérios europeus, sobretudo com o advento das Revoluções de Libertação Nacional no século XIX, novos sentimentos de natividades passaram a tomar conta dos cenários dos outrora povos dominados. Contudo, os processos culturais ainda possuíam forte lastro com a herança colonial, necessitando, como era de se esperar, um redirecionamento e emancipação no campo das ideias. Consideramos, portanto, que esse novo renascimento cultural começou, de fato e com maior força, a ser gestado ao longo do século XX, precisamente com as discussões pós-coloniais, anticolonialistas e trasmodernas, sendo que, mais recentemente, surgem as discussões do movimento decolonial na passagem do século XX ao XXI, como fontes herdeiras dessas tramas insurgentes.

Desse modo, entendemos que tais fatos são marcações históricas que servem para modular os períodos de dominação, extermínio, tentativas de resistência, libertação e emancipação. No entanto, tais divisões ainda ficam aquém das reais necessidades de descolonização das mentes, das identidades e do imaginário para definir e manejar o conjunto de todas as sequelas herdadas de um trauma continental. Isso posto, a fim de orientar nossos trabalhos, conforme almejamos com o presente dossiê, possuímos como objetivo principal reunir artigos que demonstrassem as várias tentativas de reescrita e de ressignificações de nosso passado a partir de outras interpretações acerca da história e das letras da América Latina por meio da produção literária e audiovisual, vistas como produções do “entre-lugar” (Santiago, 2000) ou concebidas no “pensamento fronteiriço” (Mignolo, 2000).

Mediante o exposto, temos nesse processo a ativação crítica desses dois mundos antagônicos, que tentaram se acomodar forçadamente durante o século, mas que, no presente, emergem para discussões candentes que não se encerram, visto que são debates e dores longevos. Visando a esses diálogos, nosso dossiê matiza com as temáticas históricas a partir de uma tessitura com a literatura e demais artes, sendo manejadas com refinamento intelectual

pelos nossos autores. Nesse prisma, entendemos que tais discussões propõem questões abordadas que não se esgotam e não se prendem somente para poucas searas de estudos. Nesse sentido, tal campo de estudos e pesquisa busca ampliar, de modo plural, os debates de maneira frondosa para outros ramos do conhecimento dentro do arco da humanidade, artes e letras.

Assim, buscando esse manancial de diálogos, o conjunto de textos do presente dossiê persegue esses vários caminhos que vão desde as críticas robustas acerca do processo de colonização e a opressão dos povos tradicionais à reescrita da história por quem outrora fora calado à força. Não obstante aos cenários de opressão, lembramos que o processo de forja da história se dá através de múltiplas vozes, mesmo que tenha ficado por longos períodos subalternizados. Desse modo, reafirmamos que são silêncios momentâneos, mas que esperaram a ocasião propícia para reverberar suas lutas e contar sua história. Conforme expressa Polak (1989, p. 5),

[...] a despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir aos esquecimentos, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (Polak, 1989, p. 5).

A literatura, nesse cenário, portanto, torna-se um instrumento extremamente potente, pois aquilata por meio da (re)escrita processos de combates, do mesmo modo, ativa sonhos que porventura estavam adormecidos sob o jugo do torcionário e do arbítrio. Nessa empreitada, conforme podemos atestar pelos textos elaborados, são suscitadas várias discussões, por exemplo, como a redescoberta de escritas e traduções de uma literatura imponente que rompe com a perspectiva tradicional, consequentemente, fornecendo tónus para as discussões decoloniais, tão caras nesse cenário. Ainda, conforme o conjunto de artigos, apresentamos uma valorização de autores latino-americanos, destacando os seus personagens, territorialidades diversas e sujeitos históricos (outrora esvanecidos pela história oficializada), mas que dentro dessa perspectiva epistemológica são (re)descobertos.

Também, grifamos, com muita força, a América Latina nesses textos, dando ênfase a seu espaço social e geográfico, para descobrirmos a literatura para além do canônico, melhor dito, conhecendo o continente e sua potencialidade resistente como capaz de edificar uma

cultura própria, a despeito de todo o aparato dominante eurocêntrico. Nesse prisma, conforme as análises apresentadas, vamos ao encontro da ideia de pluralidade do nosso espaço latino-americano, com várias formas, matizes e povos. Assim, apresentamos nos artigos, como era de se esperar, uma diversidade significativa de temáticas, povos e enfoques, formando o mosaico múltiplo que caracteriza a América Latina.

Ainda, de acordo com as leituras emanadas, poder-se-á visualizar textos que trabalham com a Literatura Indígena, Literatura Africana, Literatura feminina etc., em síntese, todas buscando capturar essa crítica em sintonia com suas longevas heranças e as novas propostas que se descortinam mediante os processos de resistência em nosso continente. A partir disso, o leitor encontrará no dossiê propostas teóricas e epistêmicas que apresentam fagulhas ativadas que não cessam de queimar, haja vista que sempre haverá novos cenários, recortes, pontas de memória, cacos de sonhos ou livros que são redescobertos por meio da força motriz de pesquisadores interessados em (re)contar a história do espaço latino-americano.

Em síntese, os artigos do presente dossiê são centelhas lançadas pelos autores, que de modo fecundo, distribuem conhecimentos e tentam amearhar generosamente contribuições por meio dos colóquios suscitados. Concluindo, sem intencionar fechar o tema, são apontamentos importantíssimos e que servem como bússolas para novas pesquisas, assim como atividades de extensão e, especialmente, para que possam servir de instrumento e de exercício em sala de aula, visando ao ensino-aprendizagem e proporcionado ao alunado um redescobrimento, por meio do encantamento literário, da imponente identidade da América Latina.

Porto Nacional, 31 de julho de 2026

Organizadores:

Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck (UNIOESTE)

Prof. Dr. César Alessandro Sagrillo Figueiredo (UFNT)

Prof. Dr. Cristian Javier Lopez (UPE)

Bibliografia:

MIGNOLO, Walter. *Historia globales / Proyectos globales*. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Akal, 2000.

POLLAK. Michel. Memória, esquecimento, silêncio. In.: *Estudos Históricos*. Vol. 2. N.3. Rio de Janeiro. Vértice. p. 3-15, 1989.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais perspectivas latino-americanas*. Colección Sur-Sur, CLACSO, Ciudad Autonoma de Buenos Aires, Argentina, setembro, 2005.

SANTIAGO, Silviano. *Uma Literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.